

# Cartas a três

## (Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt)

YARA FRATESCHI VIEIRA (*Campinas*)\*

IVO CASTRO (*Lisboa*)\*\*

ENRIQUE RODRIGUES-MOURA (*Innsbruck*)\*\*\*

### RESUMO

São publicadas peças da correspondência inédita trocada entre Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis e Hugo Schuchardt, bem como diversas *marginalia* de Leite, girando em torno de dois temas polémicos. O debate entre os dois linguistas chegou a atingir tom pessoal, actuando D. Carolina como pacificadora.

Primeiro, Leite e Schuchardt disputam-se a propósito das relações entre basco antigo e ibérico e depois a propósito de um manuscrito oriental do séc. XVII, contendo poemas em crioulo malaio-português.

Estes materiais iluminam consideravelmente os escritos publicados pelos vários autores sobre as mesmas matérias.

Palavras-chave: Antigo basco – Ibérico – Crioulo – Malaio-português – Pantuns

### ABSTRACT

*We publish some pieces of the unedited correspondence exchanged by Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis and Hugo Schuchardt, as well as several marginalia by Leite, concerning two polemic subjects. The discussion between both linguists reached a personal tone, acting C. Michaëlis as conciliator.*

---

\* Yara\_f\_vieira@yahoo.com

\*\* lvo.castro@fl.ul.pt

\*\*\* Leopold-Franzens-Universität Innsbruck. Institut für Romanistik. Innrain 52. A-6020 Innsbruck. Austria.

*At first, Leite and Schuchardt argued about the relations between ancient Basque and Iberian, afterwards they disputed over a 17th century Oriental manuscript, which contained poems in Malayan-Portuguese Creole.*

*These materials enlighten considerably the writings published by the different authors about those subjects.*

*Keywords: Ancient Basque – Iberian – Creole – Malayan-Portuguese – Pantouns*

Leite de Vasconcelos carteceu-se com Hugo Schuchardt durante quarenta e quatro anos, de 1882 até 1926, ou seja quase até à morte do grande linguista alemão, que desde 1876 ensinava na universidade austríaca de Graz. Sessenta cartas deste sobrevivem no arquivo da correspondência passiva leitiana do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (*Epistolário*, 1999), correspondendo-lhes quarenta e oito enviadas por Leite e depositadas hoje na Secção de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária de Graz.<sup>1</sup> Nestes volumosos núcleos faltam algumas cartas que se perderam, mas de que encontramos eco nas remanescentes. Mesmo com essas omissões, a conclusão é que muita coisa os dois linguistas disseram um ao outro nesse diálogo de vida inteira.

A meio do período, em 1905, zangaram-se. A 7 de Outubro, Schuchardt escreveu de Graz uma longa carta que Leite deve ter recebido pouco depois, porque então os correios normais eram rápidos (cota: MNA (Lisboa) Co JLV 3146 - 20883). Dizia assim, em tradução:

(1) Querido Amigo,

Muito grato lhe estou pelo grande e formoso livro<sup>2</sup> que me mandou; acontece que a tentativa de o saborear em estado não encadernado não foi bem sucedida – por isso entrego-o hoje a um encadernador. Como agora tornei a ocupar-me um pouco mais do basco – estou a pensar

<sup>1</sup> Uma edição anotada das duas séries de cartas será publicada em breve por I. Castro e E. Rodrigues-Moura (IN-CM).

<sup>2</sup> Tratava-se do recém-publicado vol. II das *Religiões da Lusitânia* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1905), enviado ainda em cadernos soltos, para maior rapidez.

escrever uma pequena introdução ao seu estudo –, naturalmente fui verificar se o Sr. se pronuncia acerca dos iberos e dos bascos. O que, para minha surpresa, não sucede; porque o que o Sr. diz à p. 328 é pura *negatio* e «a título de mera curiosidade». Vinson, aliás, ultrapassou os limites de modo tipicamente francês ao afirmar «que não ha trabalhos mais phantasticos do que de Giacomino». A maior parte dos trabalhos que se ocupam do parentesco do basco são muito mais fantásticos do que os de G.; estes têm um carácter vincadamente científico – sem o que Ascoli seguramente não os teria admitido – embora os seus resultados, pelo menos em boa parte, não sejam aceitáveis. Combati-lhe as posições e o método através de minuciosas análises, mas não neguei o facto de existirem relações entre o basco e o hamítico; contudo, a minha polémica levou-o a interromper a publicação de estudos sobre o tema – para meu grande desapontamento, porque estava à espera deles antes de, por meu lado, tomar posição sobre o ibero, o basco e o hamítico em trabalho de fôlego. Vinson apreciou curtamente as minhas críticas a Giacomino, com o descuido e superficialidade que lhe são habituais e que nele sempre me causam espanto. Aquilo a que se atreveu na sua apreciação das relações entre Giacomino e eu próprio (veja *Zeitschr.* XXVIII, 101s. – mandei-lhe certamente a miscelânea), – c'est le comble. Não nego que ele seja um excelente conhecedor do basco, e também, pelo menos em relação a mim, bastante moderado na discussão; mas se o Sr. fizer valer contra mim a autoridade dele na *questão ibérica* ou na *questão da passividade do transitivo basco*, então terei de me defender com veemência.

Mas agora fiquei com muita curiosidade de saber se o Sr. elimina totalmente da Lusitânia os iberos ou, digamos assim, os parentes dos bascos. *Endovellicus*, por exemplo, parece-me mais ibérico do que céltico; pelo menos encontram-se nomes ibéricos de som similar – veja uma miscelânea que lhe mando por encomenda postal.

Estranha-me que A. Dirr<sup>3</sup> lhe tenha feito em tempos uma recensão; eu, pela minha parte, dediquei-lhe como recenseur quase 100 páginas, a respeito das suas gramáticas do georgiano e do udi; hei-de falar com mais apreço da do tabassarão, entretanto publicada.

<sup>3</sup> A. Dirr, autor de uma *Theoretisch-praktische Grammatik der modernen georgischen Sprache*, recenseada por Schuchardt em *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*. 18 (1904) 241-260.

Aprecio em si o «*jornadeador infatigavel*»; por mim, com os meus problemas de saúde, não sou muito afeito nem propenso a viagens, mas continuo a fazer esforços por conhecer coisas novas com os meus próprios olhos. Este ano visitei o *Museu Germânico* em Nuremberga, assim como o *Museu Nacional* em Leiden.

Com cordiais cumprimentos,

Seu

H. Sch.

A recepção de uma tal carta não pode ter sido agradável a Leite de Vasconcelos. Quase o vemos a lê-la de lápis na mão, entrelinhando a tradução de palavras alemãs mais difíceis e lançando comentários, como também fazia nas margens dos livros que estudava. Chegado ao fim da leitura, na margem inferior da carta, não resistiu a exclamar: «Onde é que eu pus em paralelo Vinson com Schuchardt?! Vejo que Sch. tem demasiado amor proprio.» E tinha abundante razão, pois o que escrevera não parecia dar azo à reacção de Schuchardt, como se pode ver pela transcrição abaixo.

Comentando a forma *A.Brigo* representada numa inscrição do museu de Guimarães, Leite tinha escrito (*Religiões*, II, 328 e fig. 75):

(2) A título de mera curiosidade, lembrarei que o Sr. Giacomino, no n.º 4 dos *Supplementi* do *Archivio glottologico italiano*, p. 3, baseando-se na forma, quanto a mim inexacta, *Abricus*, dada, como vimos, por Hübner, explica-a pelo vasconço, e diz, ao tratar do elemento vasconço –co : «per *abri-co* si cf. i b(aschi) *abere*, animale, *abera-tz*, rico, *abr-il-du*, immolare (e com *abrico* si ragguagli *A-brun*, CXXIII [dos *Mon. ling. Iber.* de Hübner])»<sup>2</sup>.

[*Rezava assim a nota 2:*]

Hübner fallou, com algum elogio, das tentativas que Giacomino fez para explicar o iberico pelo vasconço actual: vid. *Revista de archivos, bibliotecas y museos*, I, 241-245. Mas J. Vinson, que tem no assunto auctoridade especial, diz que não ha trabalhos mais phantasticos do que os de Giacomino: vid. *Revue de l'Ecole d'Anthropologie*, XIV, 183.

De facto, Leite não faz aqui qualquer alusão ao nome de Schuchardt. Mas, ao tomar posição contra certas opiniões de Giacomino e ao apoiar-se, para tal, na autoridade de Julien Vinson (1882, 1883), estava conscientemente, ou não, a meter-se nos terrenos de um combate que Schuchardt andava travando com o folclorista francês sobre as relações entre bascos e iberos. Nesse quadro, Vinson

consequira alguns anos antes atacar, numa única frase, tanto Giacomino como Schuchardt (*L'Année linguistique*, 1, 1901-2, 177ss.):

(3) Je remarque que le linguiste italien rapproche l'ibère du basque moderne contemporain, et je m'étonne qu'un homme de la valeur de M. Schuchardt n'ait pas relevé ce qu'il y avait d'aventureux dans ce rapprochement : le basque a certainement changé depuis dix-neuf ou vingt siècles.

Aos pontos de gramática invocados por Vinson respondeu Schuchardt em breve nota («Zum Iberischen», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 28, 1904, 102), cuja conclusão não podia ser mais clara: «in der 'iberischen Frage' mein Standpunkt dem Vinsons entgegengesetzt ist» (na 'questão ibérica', o meu ponto de vista é oposto ao de Vinson). E assim se manteve em prolongada polémica que se arrastou, através de diversas revistas, pelo menos até ao ano de 1908 (Schuchardt, «Vinson über Iberisch und Baskisch», *ZrPh* 32, 349-359).

É muito provável que Leite soubesse o que fazia quando se atreveu neste terreno minado. Conhecia o texto de Schuchardt, que anotou nas margens do seu exemplar; especialmente um dos seus apontamentos manuscritos («juízo sobre Giacomino?») revela a consciência de que a avaliação das teorias do italiano, e por esse meio das de Schuchardt, era o que estava em causa. Teria já adquirido essa consciência antes de publicar o vol. II das *Religiões*, com o comentário que ofendeu Schuchardt? Vistos os seus métodos de trabalho e os curtos intervalos que obtinha entre leitura e reacção escrita (escrita muitas vezes feita sobre as provas, nas oficinas da Imprensa Nacional), é inteiramente possível que sim. O que confere àquela anotação privada («Onde é que eu pus em paralelo Vinson com Schuchardt?! Vejo que Sch. tem demasiado amor próprio.»), que escreveu de si para si na carta de Schuchardt, uma dimensão estranhamente angelical.

Entra aqui em cena uma terceira personagem, nada menos que Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem Leite terá escrito sobre as queixas de Schuchardt poucos dias depois de as receber. Mas deve tê-lo feito de forma elíptica, o que motiva um pedido de esclarecimentos numa longa carta de 21 de Novembro de 1905, onde D. Carolina, entre outros assuntos principais de que trata, pede que se explique melhor.<sup>4</sup> A carta, datada do Porto, é reproduzida na íntegra, com a passagem relevante a negrito.

<sup>4</sup> Trata-se da carta n.º 22689 do arquivo epistolar de Leite de Vasconcelos, depositado na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia. Uma edição anotada da correspondência trocada entre D. Carolina e o Dr. Leite está a ser preparada por Yara Frateschi Vieira, para a IN-CM.

(4) Exmo. Snr. e Amigo,

o correio de hoje leva-lhe uma porção de opusculos meus, e ao mesmo tempo, o fac-simile (que lhe dedico) assim como um maço de cartas do Storck. As minhas relações com elle datam de 1877; as do meu marido são mais antigas. Começaram em 1874. Depois de elle (o J. de V.)<sup>5</sup> conhecer as *Canzonen* (1844) e os *Idyllios* (1869) enviou ao traductor um caixote cheio de obras camonianas. Visitou-o em 1876. Depois do nosso casamento, repetimos, juntos, (em 1876)<sup>7</sup> a peregrinação a Münster. E eu lá voltei, acompanhada do Carlos em 1889, hospedando-me em casa d'elle. Ao Carlos deu então de presente a edição de Camões de Barreto Feio e J. G. Monteiro, || i. é o ex. de que o velho [Christoph Bernhard] Schlüter se havia servido. A dedicatoria diz

Seinem lieben guten jungen Freunde Carlinhos Michaëlis de Vasconcellos widmet zur freundlichen Erinnerung an den heutigen Tag diese Camões-Ausgabe — das Handexemplar des verstorbenen Camões-Kenners Prof. Dr. Christoph Schlüter, in herzlicher Zuneigung dessen Schüler und Freund.<sup>6</sup>

Münster i. W. 13 Oct. 1889. Wilhelm Storck.

Não envio as cartas dos ultimos annos, por não as haver juntas. Nem as que trocou com meu marido até 1878, porque elle ignora onde as tem. — Quanto a poesias *ineditas* — digo traduções ineditas — não possuo nenhuma. Todas as que conservo manuscriptas foram aproveitadas por Storck no Florilegio *Aus Portugal und Brasilien* Nos. 180 182 183-185. Ao abrir agora mesmo esse volume encontro ainda metade de uma carta de 1892. Ponha-a no *seu lugar*, sim. [margem esquerda, vertical]: Tenho 1 ex. dos Sonetos off. a Schlüter em 1877. Julgo mesmo possuir tudo quanto St. public[ou?].||

Escuso recomendar-lhe que aproveite as cartas com discreção. Não as reli agora. Portanto ignoro, se ha nellas, palavras de critica ou censura *pessoal* a qualquer escriptor português.

**Que quer dizer a sua allusão à sensibilidade excessiva do Schuchardt? Elle tomou a mal qualquer referencia critica às Etymologias? Sei que elle foi sempre, e cada vez mais melindroso**

<sup>5</sup> Entrelinhado por D. Carolina.

<sup>6</sup> Trad. «Ao seu querido, bom e jovem amigo Carlinhos M. de V. dedica em grata recordação do dia de hoje esta edição de Camões – o exemplar de mão do falecido camonista Prof. Dr. Christoph Schlüter, com a cordial afeição do seu aluno e amigo.»

— „furchtbar nervös”<sup>7</sup>. Ha muito que não me escreveu. E o ultimo postal que recebi denotava um estado pathologico.

Outra cousa. Tenho que fazer qualquer dia a critica de uma tradução do Testamento Novo iniciada pela *Bible Society*. Convém-lhe que se imprima na Revista? ou prefere afastar-se do assumpto?||

Possue o meu amigo um *manual de ortografia castellana* (modernissimo, bem se vê) para eu me inteirar dos novos principios de acentuação. — Embora não me agradem é preciso adoptá-los.

Viu os opusculos em que o pobre Barata<sup>8</sup> nos maltrata? Eu tenho pena de o ter offendido – pois tal não era a minha intenção. – De resto, as queixas que levanta contra mim são infantis. – Ainda não sei se lhe responderei –.

Muito estimei ouvir que V. E. foi tão feliz nas suas excursões archeologicas. E como vae de saude? Conte alguma cousa a quem é de V. E.

admiradora e amiga sincera

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Porto 21/XI/05.

Percebe-se por esta carta que D. Carolina estava a leste da contenda, que julgava dever-se a discordâncias etimológicas. Isto porque costumava manter com Leite uma frequente troca de impressões sobre as etimologias que Schuchardt ia publicando a conta-gotas, de que é exemplo o cartão de Leite abaixo publicado, apesar de distinto da questão que aqui nos ocupa. Trata-se de um cartão postal sem data e sem cota, mas com carimbo postal de 7 de Fevereiro de 1900 (Espólio de CMV, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra):

(5) Excell. Senhora

de toda a ma. consideração:

Estou lendo, como disse a V. E., as Rom. Etym. II, do Schuchardt,<sup>9</sup>  
– que são bem embrulhadas! Voltando a trás para ligar as ideias, encontro

<sup>7</sup> Trad. «terrivelmente nervoso».

<sup>8</sup> António Francisco Barata, autor de *Estudos praticos da lingua portugueza*. Évora, 1900. Leite transcreve um ataque que dele recebeu nessa obra: «A glottologia não descansa em procurar dialectos às linguas: a portugueza de Fr. Luiz de Souza, dentro em pouco, estará desfeita, delida em dezenas de chamados dialectos, verdadeiros patois do vulgo ignorante. Basta ver os trabalhos do Sr. Leite de Vasconcellos para o leitor se capacitar da affirmativa» (*Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, 1901; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1970, 49, n.106).

<sup>9</sup> *Romanische Etymologieen II*, Wien, 1899. Traduções: 1. «determinada palavra [retirada] dessa mistura...»; 2. «as consoantes fricativadas (ou abrandadas?) mediais das palavras acima mencionadas...», possível referência à oclusiva velar presente em todos os exs. dados por CMV.

difficuldade no ultimo periodo da p. 12, que pedia a V. E. o favor de me explicar:

jenes Wort aus dessen Einsmischung [sic]... (qual?)  
[*anotação a lápis de CMV: \*coccula \*cocca*]

die inlautende Tenuis der letztgennanten Wörter ...  
(quaes palavras?) [*anotação a lápis de CMV: cocole  
coquemar couquelle coquelle cloquelle cocelle couceto  
coquaise*]

Em fim: elle põe em relação \*clocca com cochlea e tira daqui choca e tudo quanto há?

Apesar da massa enorme de factos que alli estão accumulados de toda a maneira, encontro lá muita cousa digna de toda a ponderação, e queria pois levar seguida, tanto quanto puder, a leitura.

É provavel que eu pelo Entrudo, antes ou depois, ahi vá fazer uma visita a V. E., pois tenciono ir a Tr. os Mts.

O meu mirandês está todo pronto. Ainda ontem me prometteram imprimir-m'ó até o fim de Março. Quando digo pronto, quero dizer: composto typographicamente e paginado.<sup>10</sup>

De V. E.

cr. am. obr. [...]

J.L.deV.

É na sequência de comentários como estes que se entendem as desconfiadas alusões que, na carta seguinte, Leite faz de passagem a etimologias propostas para *madronho* e para *veiga*. Para esta segunda forma, Schuchardt propôs uma origem latina, \**vīca* (*ZrPH* 23, 186-7, e 29, 553-5) que, perante a reacção crítica, reviu para o ibero-vasco \**baica* (*ZrPH* 33, 462-6). Quanto a *madronho*, trata-se de uma velha questão entre os três sábios: Carolina Michaëlis havia sugerido como origem para a palavra \**maturoneus*, derivado hipotético de *maturus* (*Misc. Caix*, 1886, 136-7), enquanto Schuchardt (*ZrPh* 28, 193-4, e 29, 223) se inclinava para um derivado hispânico de *arbutus*, que concebia como \**arbitroneu*, a que Leite chamou «explicação engenhosa, mas que não convencerá a todos» (*RL* 9, 1906, 397).

<sup>10</sup> Os dois vols. dos *Estudos de Philologia Mirandesa* saíram, com efeito, em 1900 e 1901.

Regressando à carta de D. Carolina. Ainda não apareceu no seu espólio, depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o original da resposta de Leite. Mas temos dela o rascunho, manuscrito nas duas faces de um retalho de papel, com emendas e *post-scriptum* ao alto do rosto, sem assinatura nem fórmulas de despedida, datado de Lisboa, 28 de Novembro de 1905, uma semana exacta depois de enviada a carta de D. Carolina. Encontrava-se este manuscrito entre um maço de separatas de Leite, adquiridas por um de nós da biblioteca de Manuel Heleno, seu testamenteiro e antigo director do MNA.

(6) Lix.<sup>a</sup> 28-XI-905

Exma. Senhora,

de toda a m.<sup>a</sup> consideração e amizade:

Effectivamente o correio trouxe-me um bom maço de opusculos de V. Exa., os quaes muito agradeço. Mal me chega o tempo para ler o que V. Exa. escreve! – Agradeço tambem as cartas stockianas e as informações. Eu estava habituado á linda letra do St.; mas as cartas estão em garbulhas, de modo que hei-de ver-me, não direi grego, mas germanico, para lhes penetrar! Se V. Exa. não fosse tão occupada, eu pedia-lhe que me dêsse a súmula do que julgasse mais interessante, porque em verdade eu quero alludir ás relações, mas não posso entrar em grandes desenvolvimentos. Mas cá me remediarei como puder.

Quanto ao Sch.; este melindrou-se um pouco, porque eu nas *Religiões*, II, 328, o não citei a par de Vinson, ou em contraposição a Vinson! Acho tambem mt. estranhas certas cousas que elle escreve. [Mais se melindraria se eu lhe dissesse que dou pouco pelo *medronho* e nada pela *veiga*.]

Ser-me-hia agradável publicar na *Rev. Lus.* as criticas do Test. Novo, como tudo o que V. Exa. escreve; mas este fasciculo (que se imprime agora em Lisboa, porque os do Porto erão || impossiveis) fica provavelmente cheio com o vocabulario, gramatica, notas e considerandos do *Fabulario*, que eu talvez crisme em *O Livro de Esopo*, em virtude do que o escriba diz no fim (o meu gosto seria chamar-lhe *Esopete português*, mas não tenho elementos seguros p. o fazer); e talvez nem o fasciculo chegue. V. Exa. não quer provavelmente esperar pelo novo fasciculo, que está mt. demorado. Vou ver-me embaraçado, porque o editor diz que perde, e não quer continuar; eu terei pois de pôr dinheiro do meu bolso, porque, em quanto eu viver, a *Revista* não morrerá.

Não possuo nenhum manual mod. de ortogr. castelhana.

Li o Barata. V. Exa. diz *os opusculos*? Refere-se ao que também escreveu *de me*, em resposta à m.<sup>a</sup> crítica do *Arch.*? Não conheço a meu respeito senão este, e já lhe respondi n-*O Arch.*, IX, 258. Li <tambem> igualmente o que se refere a V. Exa. Não valerá a pena responder-lhe. Elle está amalucado posto que sempre fosse mau, segundo o q. dizem.

|| P. S. É provavel que eu divirja de V. Exa. nos *pucaros*. Ainda não li tudo, estou lendo. Só corri.

É de calcular que o Dr. Leite, ao inserir estas explicações sobre o incidente com Schuchardt pelo meio de outros assuntos que mais o ocupavam, já desse o caso por encerrado, porque tinha alguns dias mais cedo, a 19 do mesmo mês, redigido uma detalhada justificação a Schuchardt, a qual constitui de certa maneira o reclamado esclarecimento da sua posição sobre a ‘questão ibérica’ e deve ter por isso dado satisfação ao sábio de Graz, que não mais tocou no assunto. A carta foi, como de rigor, precedida de um rascunho, que está no espólio do MNA ao lado da carta a que responde (MNA 20883); esta está no arquivo de Graz (cota: Biblioteca Universitária de Graz, Hugo Schuchardt Nachlaß 6350). Certas passagens foram sublinhadas a lápis azul ou vermelho, sendo de pensar que se trate de realces introduzidos por Schuchardt; já veremos qual o seu significado. As semelhanças entre o rascunho e a carta enviada são quase totais, mas tem interesse notar as modalizações de intensidade e de cortesia que Leite introduziu em certos lugares do borrão, pelo que as principais são registadas em nota.

(7) Lisboa 19.XI.905

Prezado amigo:

Vejo que V. Exa. se abespinhou por *suppor*<sup>11</sup> que eu lhe contrapunha Vinson. Ora eu contrapuz V[*inson*] a Hübner e a Giacomini! Faço alguma idea da orientação de V[*inson*] e até o conheço pessoalmente; supponho que elle deve saber praticamente muito mais Vasconço do que Giacomini, cujos artigos que li me não agradaram. O que elle diz sobre *Brigo* é mais que fantastico. Entendo que não póde comparar-se pura e simplesmente o vasconço moderno com o ibero antigo<sup>12</sup>; é necessaria muita precaução.

<sup>11</sup> Borrão: «por eu ter contraposto» > Carta: «por suppor».

<sup>12</sup> Borrão: «com o ibero antigo, <nem com nenhuma outra lingua riscado.>».

V. Exa. sabe isto melhor do que eu. Nunca me dediquei ao estudo do vasconço, nem posso dedicar; mas pelo que tenho lido, e pelo conhecimento geral que possuo da Glottologia, estou pouco inclinado a crer que haja elementos vasconços em Portugal. Provavelmente o vasconço foi sempre língoa local, embora com maior ou menor área geographica. Aqui tem V. Exa. a razão pela qual não deve admirar-se de, como diz, não encontrar tratado no meu livro o problema iberico-vasconço.

Quanto a *Endovellicus*, eu já tinha lido o que V. Exa. diz na Zs. XXIX, 226<sup>13</sup>. Não quebro lanças pela celticidade de *Endovellicus*, nem por várias || outras celticidades, porque, neste terreno escorregadio das etymologias difficeis, podem, com o conhecimento de diversas línguas e boa vontade, defender-se as mais encontradas hypotheses<sup>14</sup>; mas creio que, para explicar esse nome, não basta compará-lo com *Indibilis* e *Andobales*, porque ha muitas palavras que começam por *Ind-* e *And-* que nada tem commum entre si. Se a fórma epigraphica *Andergus*, com *g*, é exacta, parece-me difficil ou impossivel explicá-la por *\*indar-ko*. Já Adolfo Coelho, na *Rev. Archeol.* (cfr. *Rev. Lusit.*, II, 90), tentou tambem explicar essa fórma por outra em *-co*. A favor da celticidade de *Endovellicus* depõe: 1) a morphologia, que póde bem justificar-se, como fiz, pelo celtico (*\*ande-vell-ico-s*); 2) o territorio em que o culto se celebrava, no qual havia Celtas; 3) a concorrencia de alguns nomes de dedicantes, em que ha elementos tambem explicaveis pelo celtico.

Opto mais pelo germanismo do que pelo iberismo de *Enderkina* e *Inderquina*. Este nome apparece, nos respectivos documentos, entre outros nomes germanicos:

*Enderquina*: filia dux Menendus Guterizi et Ermesinda  
iermana de domna Geluira regina que fuit mulier de  
Ordonius rex mater Ranemirus princepe.

PMH, *Dipl. et Ch.* n° 12.

*Inderquina*, de viro meo Suarius Sendini filius.

Ib. ib., n° 84

<sup>13</sup> H. Schuchardt, «Ibero-romanisches», *ZrPh* 29, 1905, 226-227. Leite responde tanto à carta anterior de Schuchardt, como aos argumentos do art. citado. Cf. também, sobre Endovélico, *Religiões*, II, 111-145, especialmente esta última pág.

<sup>14</sup> *Borrão*: «todas as hypotheses» > *Carta*: «as mais encontradas hypotheses».

Se *Enderquina*, *Inderquina*, era filha de Germanos e casada com um individuo de sangue germanico, difficilmente teria nome ibe- || rico. Não julgo invencivel a objecção, mas é muitissimo ponderavel. A isto accresce a difficuldade phonetica, pois *Indercus* teria dado \**Indercina*, com *c* (como deu *Indercillus*), e não *Inderkina* ou *Inderquina*, onde o caracter guttural (*k*, *qu*) está bem assignalado.

Já tenho varias notas para lhe mandar sobre o *pião*. Em podendo coordená-las, lh'as mandarei.

Não poderia V. Ex. enviar-me cópia completa, e bem legivel, do seu ms.<sup>15</sup> do sec. XVII de *Pantuns* em malaio e crioulo-português de Batavia? Eu prometto a V. Exa. que o não publicarei (pois que a prioridade pertence a V. Exa.); mas desejava muito possui-lo na minha collecção de textos crioulos. Melhor seria uma photographia total do ms., e em tamanho natural; eu pagaria toda a despesa.<sup>16</sup>

Aguardo com impaciencia o seu promettido trabalho sobre o vasconço.<sup>17</sup>

|| Sou, com toda a estima,

De V. Exa.

amigo muito attento

venerador e obrigado

Leite de Vasconcellos

O esclarecimento da posição de Leite de Vasconcelos na questão ibérica, realçada a negrito, é um dos pontos notáveis desta densa carta. Embora seja arriscado afirmar que em lugar algum da sua obra, vastíssima e ecléctica, Leite se explicou mais detalhadamente sobre o que pensava das origens dos povos da Península Ibérica, resulta clara a preocupação em distinguir basco de ibérico, no que encontra eco e corroboração em autoridades modernas como Antonio Tovar,

<sup>15</sup> Borrão: «Não poderia facultar-me uma copia» > Carta: «Não poderia V. Exa. enviar-me copia completa e bem legivel do seu ms.» (na carta, «completa, e bem legivel» foram subl. a lápis azul por Schuchardt).

<sup>16</sup> Toda a passagem está sublinhada por Schuchardt a lápis azul e vermelho.

<sup>17</sup> Borrão :« trabalho de introd. ao vasconço».

(8) we can unhesitatingly assert that Basque is not Iberian and that Iberian texts cannot be interpreted by the application of Basque (Tovar, 1961, 130).

ou Maria Teresa Echenique,

(9) Con gran probabilidad esta lengua vasca no es prolongación en el tiempo de la antigua lengua prerromana que conocemos con el nombre de ibérica (lengua o grupo de lenguas que se extendía a lo largo del litoral mediterráneo con una penetración hacia el interior por el sureste), aunque seguramente no está todo dicho sobre esta cuestión de la relación vasco-ibérica (Echenique Elizondo, 2004, 59).

Confrontem-se com estas palavras o que Hugo Schuchardt continuava a pensar pouco tempo passado sobre esta troca de correspondências. Em carta de 14 de Novembro de 1906 dirigida a Julio de Urquijo, promete:

(10) M. Philipon prétend que la langue des Ibères n'a rien à démêler avec le basque ; je me prépare à le réfuter (cit. por Urquijo, 1947, 12).

A secção seguinte da carta de Leite constitui uma refutação palavra a palavra, exemplo a exemplo, do que Schuchardt tinha afirmado no citado artigo da *ZrPb* 29, 1905, 226. Quando Schuchardt diz que os nomes *Inderquina*, *Enderkina* lhe causam a forte impressão de serem ibéricos,<sup>18</sup> responde Leite que «opt[a] mais pelo germanismo do que pelo iberismo de *Enderkina* e *Inderquina*». Quando diz considerar como ibéricos os nomes *Indercillus* e *Intercillus*, o seu correspondente próximo *Andergus* e outros nomes semelhantemente formados, como *Indibilis*, *Andobales*, *Endovellicus*,<sup>19</sup> Leite sem hesitação desmonta o método que conduziu Schuchardt a essas aproximações e pronuncia-se favoravelmente à celticidade do nome do deus do Alandroal, o que faz de modo talvez mais assertivo que o expresso em *Religiões*, II, 145:

<sup>18</sup> «Ein stärker iberisches Gepräge scheint mir *Inderquina*, *Enderkina* zu tragen», cit. por Urquijo, 1947.

<sup>19</sup> «ich halte sie [*Indercillus*, *Intercillus*] und den unmittelbar dazugehörigen *Andergus* (in einer Inschrift Portugals) ebenso wie die weiter damit zusammenhängenden *Indibilis*, *Andobales*, *Endovellicus* u.s.w. für iberisch.» *ibid*.

(11) A respeito do culto de Endovellico, sabemos que o nome do deus pôde ser celtico, conforme o que se disse a p. 125; mas de ser celtico o nome não se conclue que o deus o fosse também; antes é mais provavel que, assim como os Romanos deram esplendor a um culto que já encontraram criado, assim os Celtas não fizessem senão traduzir na propria lingua a qualidade que já se reconhecia em certa divindade do pais que elles conquistaram.

Mas concentremo-nos no final da carta de Leite, que teria por efeito de desencadear um novo, e bastante mais melindroso, por entrar nos refegos da honra pessoal, incidente entre os dois linguistas.

Hugo Schuchardt era proprietário de um manuscrito do séc. XVII, contendo uma colecção de poemas em malaio e em crioulo malaio-português. Estes poemas, classificados como *pantuns*, pertencem a um género característico da literatura em malaio, desenvolvido a partir do séc. XV: na sua forma mais usual, são quartetos de rima alternada. No fascículo IX dos *Kreolischen Studien*, (1891, 22) Schuchardt descreve os materiais que reuniu para o estudo do malaio-português, entre os quais diversas cópias de cançõeszinhas (Liedchen) de Tugu e alguns cadernos manuscritos, e publica parte desses textos. Não é claro se entre os materiais publicados figurava a colecção de poesias manuscritas, mas é quase certo que não, pois Leite afirma tê-la visto quando visitou Schuchardt na sua casa de Graz, em 1900, e diz que ainda estavam inéditas. São estas palavras de Leite do ano seguinte:

(12) M. Schuchardt a découvert des documents de l'ancien portugais de Batavia, dont trois remontent au XVIIe. siècle, les autres au XVIIIe: ce sont un vocabulaire, un dialogue, un recueil de poésies et des phrases isolées. Les poésies (XVIIe siècle) sont encore inédites; il me les a montrées chez lui, à Graz, en 1900. Il nous donne dans le mémoire ci-dessus cité [*Kr. St.*] des spécimens des autres documents,... (*Esquisse*, 149)

(12a) M. Schuchardt possède un très intéressant ms. du XVIIe. siècle, contenant une collection de *Pantuns* («chansons») en malais et portugais-créole de Batavia, que j'ai vu chez lui (cf. *Kreol. Stud.*, IX, 17). (*Esquisse*, 50).

Numa carta de 17 de Setembro de 1904 (MNA 20876), em resposta a pergunta de Leite que não chegou até nós, Schuchardt manifesta a esperança de poder dedicar um estudo aprofundado aos *pantuns*, em evidente alusão ao seu manuscrito:

(13) No que diz respeito aos meus estudos crioulos, entendo o seu ponto de vista; mas o Sr. também tem de entender o meu, de que eu gostaria de produzir um trabalho sobre os Pantuns etc. ao mesmo nível do meu *Malaiopot. de Tugu* etc. Mas na verdade isto são ovos que a galinha ainda não pôs. (trad. nossa)

São estes os antecedentes do pedido que Leite formula na parte final da sua carta de 19 de Novembro de 1905 (cf. 7): poderia Schuchardt enviar-lhe uma cópia legível, ou melhor ainda uma fotografia completa do manuscrito? Apesar da garantia de não publicação (e do reembolso de despesas), este pedido, normalíssimo aos nossos olhos, provocou uma reacção desmedida da parte do filólogo alemão. Apenas a adivinhamos pelos traços fortes de lápis que sublinham a passagem na carta de Leite: dois lápis, um azul e um vermelho, denotando leituras repetidas, ambas furibundas. E, naturalmente, pela indignação que causou em Leite, expressa numa carta que, facto excepcional, não fala de qualquer outro assunto (Bibl. Univ. Graz, Hugo Schuchardt Nachlaß 6351). Leiamos na íntegra:

(14) Lix. 24.XII.905

Exmo. Am. e Sr.

Como V. Exa. diz que vai publicar brevemente o ms., que dúvida podia ter em que outrem (um amigo!) possuísse uma cópia? O que vejo é que V. Exa. supõe que eu o publicaria em primeiro lugar, o que, depois de lhe eu afirmar que não, me offende grandemente.<sup>20</sup>

Quanto ao gosto de possuir uma fotografia do ms. sem a publicar, não pertence a V. Ex. discuti-lo; isso é comigo. Diz V. Ex. que é como se desse uma maçã a alguém que a não pudesse comer: a isto respondo que, por ex., tenho em minha casa algumas garrafas de vinho antigo, em que não || toco. Podemos ligar à posse de um objecto valor sentimental, além do valor real (científico, utilitário etc.).

<sup>20</sup> Nota no rodapé da página: «V. Exa. chega mesmo a fallar em *Wegzunehmen!* (embora *im wissenschaftliche [sic] Sinn*)» (roubo, em sentido científico).

Se fosse outra pessoa que me respondesse o que V. Ex. me respondeu, eu não sei o que faria. Mas V. Exa. tem-me merecido sempre muita consideração. E foi também fiado na sua amizade, e por V. Exa. me ter dito que o occupasse em alguma cousa, que fiz o meu modestissimo pedido, que porém infelizmente vejo, com grande espanto meu, que recebeu recusa completa!

Quando as grandes bibliothecas facultam o exame dos seus preciosos mss., e deixam d'elles tirar cópias e fotografias, permittindo mesmo ás vezes que elles sáiam d'ellas, – que dúvida podia || ter, repito, um simples particular em consentir que *um amigo* possuísse uma fotografia, que elle, alem d'isso, *promettia não publicar*, e desejava apenas possuir na sua collecção de textos dialectaes?

Sem mais por agora, sou

De V. Exa.

Amigo attento e obrigado

J. Leite de Vasconcellos

Chegava entretanto ao fim o ano de 1905. Faltam peças na correspondência subsequente, que entreadivinhamos. Repete-se o modelo do conflito anterior, com o recurso aos bons ofícios de Carolina Michaëlis. Uma sua carta tardia, de 24 de Junho do ano seguinte, ainda insiste com Schuchardt para que se reconcilie com Leite e vai ao extremo de passar a este um atestado de honorabilidade. Esta carta (Bibl. Univ. Graz, Hugo Schuchardt Nachlaß 7348), que tem apenas a cópia de uma outra carta de Leite para D. Carolina, diz assim, em tradução:

(15) Muito estimado Sr.,

V. Exa. não pretende nenhuma resposta. Permita, no entanto, que eu lhe dê a minha opinião de que Leite de V., como eu mesma, guarda de V. Exa. uma elevadíssima recordação e que as nuvens da sua rejeição, que por agora turvam o céu, irão desaparecer e mostrar um sol resplandecente.

Oxalá eu tivesse tido a oportunidade de lhe falar – em vez de apenas lhe escrever. Também eu sou da opinião de que uma obra que nós lemos com dedicado interesse não deve permanecer inutilizada e que desejos, como este pelo seu valioso tesouro, nos criam obrigações que difficilmente são realizáveis. Faço questão de assegurar expressamente que sempre considereei [Leite] como verdadeiro e honrado e que sempre

se tem esforçado em satisfazer as minhas penitências.  
 Com os melhores cumprimentos,  
 Carolina Michäelis de Vasconcellos  
 Porto 24-VI-06.

A carta que Leite lhe enviou, e de que ela transcreve um excerto para reforço da sua própria missiva, é a seguinte:

(16) Ora eu tinha-me prontificado a não o publicar e claro está que o não publicava nem na íntegra, nem em extracto. Queria tê-lo em copias, pelo gosto de o ter. Gostos não se discutem, isso era comigo. ....

Eu não pedia o original. Não pretendia publicar, extractar ou utilizar o ms. pois tudo isso pertence de direito ao seu possuidor: queria ter o gosto de ter na minha livraria a copia fiel do mais importante texto português dialectologico, já que tanto affecto me merece a nossa dialectologia. Só isto. Gosto talvez um pouco romantico, mas é um gosto.

Todavia aquelle carinhoso affecto que eu lhe tinha e que me levou a Graz e a escrever a Epístola,<sup>21</sup> dependerá da minha vontade mantê-la? Elle que responda.

Difícilmente somos preparados por este remate para o tom festivo da carta seguinte do epistolário Leite-Schuchardt, que é melhor ler já de seguida (Bibl. Univ. Graz, Hugo Schuchardt Nachlaß 6356):

(17) 20. XI. 906  
 Exmo. am. e Sr.

Estará admirado do meu silencio perante a sua amabilissima carta! Com alguma razão. Mas eu me explico. Quando ella chegou, estava eu no Norte. Depois que vim, não só estive adoentado, mas muito cheio de trabalho, já litterario, já mesmo tambem de natureza particular. Desculpe pois.

Agradeço summamente || penhorado a clausula do seu testamento. Não era preciso tanto! Pois espero que V. Ex. publicará o curioso ms.; seria esse o meu grande *desideratum*.

<sup>21</sup> Referência a um auto-retrato em verso, que Leite enviou a Schuchardt por ocasião da sua visita a Graz. Cf. I. Castro e E. Rodrigues-Moura, "Auto-retrato de Leite de Vasconcelos", *Razões e Emoção*, Castro e Duarte org., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I, 2003, 197-202.

Ainda tem em mente escrever algo sobre o *pião*? Eu posso enviar-lhe algumas notas e desenhos quando quiser. ||

Se vir Cornu, rogo o favor de me fazer lembrado.

Sou com estima cordial

Seu amigo muito obrigado

José Leite de Vasconcellos

Percebe-se o que aconteceu no intervalo. A «amabilíssima carta» de Schuchardt não se encontra no espólio do MNA, mas não há dúvida de que se trata da carta de 16 de Setembro de 1906 a que Leite faz referência na *Esquisse*: «Dans une lettre du 16 Sept. 1906, Schuchardt m'a dit qu'il me laissait ce livre par testament.» (p. 50, n.108).

Terá esta promessa sido cumprida? Dir-se-ia que sim, a fazer fé num cartão que o Dr. Leite escreveu ao jovem Serafim da Silva Neto e este cita na sua ed. das *Lições de Filologia Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., p. XVII, nota 1: «Schuchardt enviava-me quase todos os seus trabalhos, e até me deixou em testamento um manuscrito crioulo português do Oriente». Como este cartão está datado de 24 de Janeiro de 1937, e Schuchardt tinha morrido dez anos antes, Leite deveria ter o famoso manuscrito em seu poder. Mas não o diz exactamente, nem há registo dele na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, nem consta que figure, ou tivesse figurado, entre a parte do seu espólio manuscrito que ficou na Faculdade de Letras de Lisboa à guarda de Orlando Ribeiro, hoje no Centro de Tradições Populares Portuguesas. Por outro lado, se em reviravolta caprichosa Hugo Schuchardt acabou por não cumprir a promessa testamentária, iria Leite abrir-se a esse respeito com um «rapazola de 19 anos», como avuncularmente designou a Silva Neto no mesmo cartão?

## BIBLIOGRAFIA

- ECHENIQUE ELIZONDO, M.<sup>a</sup> T. (2004) – La lengua vasca en la historia lingüística hispánica. In CANO, R., dir. - *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel.
- EPISTOLÁRIO de José Leite de Vasconcelos* (1999). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 238. (Supl. a *O Arqueólogo Português*; 1).

- KREOLISCHEN STUDIEN (1891). IX: 220 p. Tese de doutoramento na Universidade de Paris.  
*Ueber das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu.* Wien.
- TOVAR, A. (1961) – *The ancient languages of Spain and Portugal.* N. York: Vanni.
- URQUIJO, J. de (1947) – *Carta-prólogo à tradução castelhana de H. Schuchardt, Primitiae Linguae Vasconum.* Salamanca.
- VASCONCELOS, J. L. de (1901) – *Esquisse d'une dialectologie portugaise.* Lisboa: Aillaud,
- VASCONCELOS, J. L. de (1897-1913) – *Religiões da Lusitânia.* Lisboa : Imprensa Nacional, 3 vol.
- VINSON, J. (1882) – *Les Basques et le pays basque.* Paris.
- VINSON, J. (1883) – *Le Folk-Lore du pays basque.* Paris.